



## Um milagre não se repete duas vezes

**N**o dia 5 de janeiro de 1762 morreu a imperatriz Isabel da Rússia. A belicosa monarca russa, aliada da França e da Áustria, governada pela poderosa Maria Teresa, há cinco anos que fechava o cerco à Prússia de Frederico II. Com o seu exército exangue, os cofres do Estado vazios, e vastas áreas do país ocupadas pelos inimigos, Frederico não iria sobreviver à derrota do seu Estado. Contudo, numa viragem de opereta, que o próprio rei prussiano designaria como «o milagre da Casa de Brandemburgo», a indómita inimiga é substituída no trono dos czares pelo seu jovem sobrinho, o bizarro Pedro III, cujo efêmero reinado (seria assassinado pela sua própria mulher, a futura Catarina II) foi um hino à insensatez política. Fez a paz com Frederico II, retirou os seus exércitos dos territórios dolorosamente conquistados, e lançou Paris e Viena numa desorientação que conduziria a que a Prússia, em vez de soçobrar, fosse a grande vencedora da Guerra dos Sete Anos.

A Prússia foi criada em 18 de janeiro de 1701. Em 18 de janeiro de 1871, foi a Prússia, sob o comando de Bismarck, a declarar o Estado Alemão, na Sala dos Espelhos do Palácio de Versalhes, dando com esse gesto início ao que Marx designou como uma «instituição europeia», que haveria de causar mais duas guerras franco-germânicas, iniciadas em 1914 e 1939. Contudo, Bismarck nunca esqueceu que a sobrevivência da Prússia, e da Alemanha como sua criação, só foi possível por um milagre: a admiração irracional de Pedro III por Frederico II, apenas comparável à idolatria incondicional que alguns fãs hodiernos nutrem por estrelas do *rock* ou do futebol.

**O Governo de Berlim não compreende que, ao abandonar a estratégia de uma Alemanha europeia, está a regressar à dilaceração do «país do meio», da nação inviável**



**A IRRACIONALIDADE, E NEM SEMPRE** sob a forma do milagre, tem acompanhado a história da Alemanha. O Imperador Guilherme II afastou Bismarck, e com ele o imperativo de orientar a política de Berlim pela necessidade de evitar uma aliança entre Paris e S. Petersburgo. Em 4 de agosto de 1914, a Alemanha precipita-se numa guerra em duas frentes, que a conduzirá à derrota. Com Hitler a situação ainda se complicou mais. Foi Hitler quem atacou o seu aliado Estaline. Foi Hitler quem declarou guerra aos EUA. Na verdade, o *führer*, depois de ter deitado tudo a perder por desmesura patológica, esperou a repetição do «milagre de Brandemburgo», depois da morte de Roosevelt. Mas Truman não foi o Pedro III americano. Nos EUA, a Constituição federal proíbe os milagres, sobretudo quando ofendem o interesse nacional de Washington.

Já percebemos que a Alemanha da chanceler Merkel vive numa ilusão de invulnerabilidade. Excedentes comerciais, dívida pública com juros negativos, e o prazer de dizer «não» a tudo o que seja fazer sair a União Europeia da armadilha do atual desenho do euro. Não precisa de memória histórica, basta-lhe o presente. Em vez de estratégias, deixa-se aconselhar por contabilistas menores, como o incrível

presidente do Bundesbank. O governo de Berlim não compreende que ao abandonar a estratégia de uma Alemanha europeia (seguida por Adenauer, Brandt, Schmidt e Kohl) está a regressar à dilaceração do «país do meio», da nação inviável. Demasiado grande para se integrar numa ordem europeia de iguais. Demasiado frágil para sobreviver numa solidão imperial.

**A FANTASIA DE UMA EUROPA** «que já fala alemão», declarada pelo líder da maioria, Volker Kauder, no Bundestag, esconde a tragédia alemã que se sucederá ao colapso da Zona Euro. Quando os países da periferia forem obrigados a regressar às suas moedas nacionais, a nacionalizar a sua banca, e a criar uma economia de guerra e racionamento para alimentar legiões de desempregados, a Alemanha perderá os seus mercados e os seus aliados. Para lá do Reno e do Pó só terá rancor e dívidas insolventes. A América de Mitt Romney não saberá localizar Berlim no mapa. A China já não precisará dos carros alemães. E a Rússia de Putin -- com uma mão no arsenal nuclear e a outra no botão energético de que a Alemanha depende -- vingará o erro de Pedro III. Com dois séculos e meio de juros acrescidos. ▣